Meditações: quartafeira da XXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o jogo divino; descobrir a imagem de Deus; uma alegria que transborda.

- O jogo divino.
- Descobrir a imagem de Deus.
- Uma alegria que transborda.

DEPOIS de ter mostrado à embaixada de João Batista com atos e palavras que é o Messias, o Senhor louva-o diante da multidão que se reuniu ao seu redor. Depois dirige uma dura repreensão aos fariseus e doutores da Lei e uma advertência em forma de comparação a todos aqueles que O ouvem. «A quem hei de comparar os homens desta geração? Com quem se parecem? São como as crianças, que, sentadas na praça, falam umas com as outras, dizendo: 'Tocámos flauta para vós e não dançastes, entoámos lamentações e não chorastes'» (Lc 7, 31-32).

Os jogos infantis costumam seguir regras aceites por todos os que permitem desfrutar da atividade. Se não se cumprem, preferindo jogar de outra forma, é lógico que os companheiros se lamentem, pois se está a alterar o sentido do jogo. Com esta imagem, Jesus ensina que Deus tem uma maneira de nos salvar e nos

fazer felizes. Alguns fariseus e doutores, por outro lado, preferiram uma alternativa baseada nos seus esquemas e garantias, baseando a salvação no cumprimento das regras que, de facto, eles próprios tinham estabelecido e que se afastavam da vontade original de Deus. Desta forma, não só recusaram aceitar a salvação que Cristo lhes oferecia, mas impediam que outros desfrutassem do jogo que o Senhor lhes preparara, pois ensinavam ao povo as suas próprias regras, e não as divinas.

«Como quero ser salvo? De que modo? Sem riscos? À maneira de uma espiritualidade que é boa, que me faz bem, mas que é fixa, está tudo claro e não há risco? Ou do modo divino, isto é, seguindo o caminho de Jesus, que sempre nos surpreende, que sempre abre as portas ao mistério da omnipotência de Deus, que é misericórdia e perdão?» [1] As

regras do jogo divino fazem parte de uma sabedoria que busca satisfazer os nossos desejos mais profundos: não há ninguém mais interessado na nossa felicidade do que o próprio Deus. Ele nos oferece, por assim dizer, dançar ao ritmo de uma melodia que nos levará a ser felizes na terra e no céu.

O PRÓPRIO Jesus explicita o significado da Sua comparação: «Porque veio João Batista, que não comia nem bebia vinho, e vós dizeis: 'Tem o demónio com ele'. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e vós dizeis: 'É um glutão e um ébrio, amigo de publicanos e pecadores'» (Lc 7, 33-34). Qualquer gesto do Senhor era facilmente mal interpretado por algumas autoridades judaicas. Em vez de tentarem compreender o significado

da proposta do Senhor, que era o Messias que tanto esperavam, preferiram apegar-se à imagem de Deus que haviam moldado a partir dos seus próprios padrões.

Ao ler o Evangelho podemos ver que Jesus não agiu de acordo com os padrões sociais, nem foi influenciado pelo que os outros poderiam pensar ou esperar d'Ele. Cristo moveu-se com autêntica liberdade: todas as Suas obras foram fruto do amor ao Pai e aos homens. Se comia com publicanos e pecadores, era porque considerava que precisamente aquelas pessoas precisavam mais da Sua amizade para aceitarem a salvação que vinha oferecer.

Jesus rejeita o pecado, mas não fecha as portas às almas necessitadas de perdão. A misericórdia é um dos traços que formam a autêntica imagem divina, embora nem todos os fariseus tenham conseguido percebêla. É por isso que o Senhor nos convida a não julgar os outros com os nossos próprios critérios, mas a oferecer-lhes a alegria e a salvação que vem de deixar Cristo entrar na nossa casa. «Saber que Deus nos espera em cada pessoa (cf. Mt 25, 40) e quer tornar-se presente nas suas vidas, também através de nós, levanos a procurar dar, a mãos cheias, aquilo que recebemos»^[2].

O SENHOR encerra o Seu discurso dando uma chave para a compreensão das regras do jogo divino e da sua forma de agir: «a Sabedoria é justificada por todos os seus filhos» (Lc 7, 35). Isto é, todos aqueles que abraçaram a vida nova que Cristo lhes ofereceu confirmam que é um caminho de alegria que realiza as aspirações do coração humano. O reconhecimento da nossa

dependência filial de Deus é «fonte de sabedoria e liberdade, alegria e confiança»^[3].

S. Josemaria comentava que quando se procura sinceramente a santidade, alcança-se uma paz e uma alegria que acaba por se espalhar pelas pessoas que o rodeiam. «O cristão é uma pessoa igual às outras na sociedade; mas do seu coração transbordará a alegria de quem se propõe cumprir, com a ajuda constante da graça, a Vontade do Pai»^[4]. Esta alegria é o testemunho mais autêntico que certifica a sabedoria das palavras do Senhor e faz com que a Sua mensagem chegue a todos os homens de forma amigável e atraente, seguindo o conselho de S. Paulo: «Que a vossa palavra seja sempre amável, temperada de sal, para que saibais responder a cada um como deveis» (Cl 4, 6).

A Virgem Maria confiou nos planos divinos e encontrou uma felicidade que inspira os cristãos ao longo dos séculos. «Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bemaventurada todas as gerações» (Lc 1, 48), clamou no Magnificat. Não é, portanto, um testemunho que apenas iluminou as pessoas do seu tempo, mas se estende também aos homens e às mulheres de todos os tempos. Podemos recorrer a ela para que na nossa vida reflitamos a alegria de dizer sim à vontade de Deus.

[1] Francisco, Meditações Matutinas, 03/10/2014.

[2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 4.

[3] Catecismo da Igreja Católica, n. 301.

[4] S. Josemaria, Amigos de Deus,	n.
93.	

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https:// opusdei.org/pt-pt/meditation/ meditacoes-quarta-feira-da-xxivsemana-do-tempo-comum/ (21/11/2025)